

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 1623

Data: 09.11.79

Pg.: \_\_\_\_\_

A paz acabou  
 ESP  
 para os índios  
 7/11/79  
 da Zona Sul

Os 30 índios guaranis que, há 11 anos, vivem no Instituto Rural D. Agnelo Rossi, na Estrada do M'Boi Mirim, perderam a paz. Protegidos, desde então, pelo padre José Cescchivici, que os retirou da Barragem de Parelheiros, onde viviam em completa miséria, eles querem, agora, defender sua permanência no alojamento. Dizendo-se ameaçados de expulsão pelo padre Victor Ribeiro, atual vigário da Paróquia de Socorro, na Zona Sul, os guaranis prometem "lutar com arco e flechas, se for preciso". Esta luta poderá ser o desfecho de três anos de animosidade entre a família do cacique Avaju e o padre Victor.

Ontem, pela manhã, o cacique e seus filhos aguardaram a visita que o vigário prometera fazer ao alojamento. Na oportunidade, eles pretendiam expor as razões pelas quais querem continuar no Instituto, "mesmo sem a assistência e apoio que recebiam do padre José". Entre estas razões, apontam fatos como o nascimento de 15 crianças nesse alojamento e a tranquilidade da região, à qual os mais velhos se acostumaram. Mas o padre Victor não apareceu. Localizado mais tarde, ele recusou-se a prestar qualquer informação sobre o problema, limitando-se a negar a campanha pela expulsão dos índios. Mas, no bairro, a população conhece a história da luta entre os guaranis e "aqueles" que desejam expulsá-los do Instituto. E todos têm medo de falar, para "não prejudicar os índios".

A família do cacique Avaju, 62 anos nasceu na tribo guarani de Mangueirinhas da Palma, no Sul do Paraná. Em 1968 eles vieram para São Paulo, em busca de melhores condições de vida e de clima mais quente, porque o inverno castigava a tribo. Em São Paulo uniram-se a outras famílias guaranis instaladas na Barragem de Parelheiros e nesse período conheceram o padre José que, preocupado com as dificuldades em que viviam, solicitou permissão ao então cardeal Agnelo Rossi para acomodar a família de Avaju no terreno pertencente à Cúria Metropolitana, na altura do km 29,5 da Estrada do M'Boi Mirim. Dada a permissão, o padre José construiu um amplo galpão de madeira onde Avaju, que passou a usar o nome de Gumerindo, se instalou com a família.

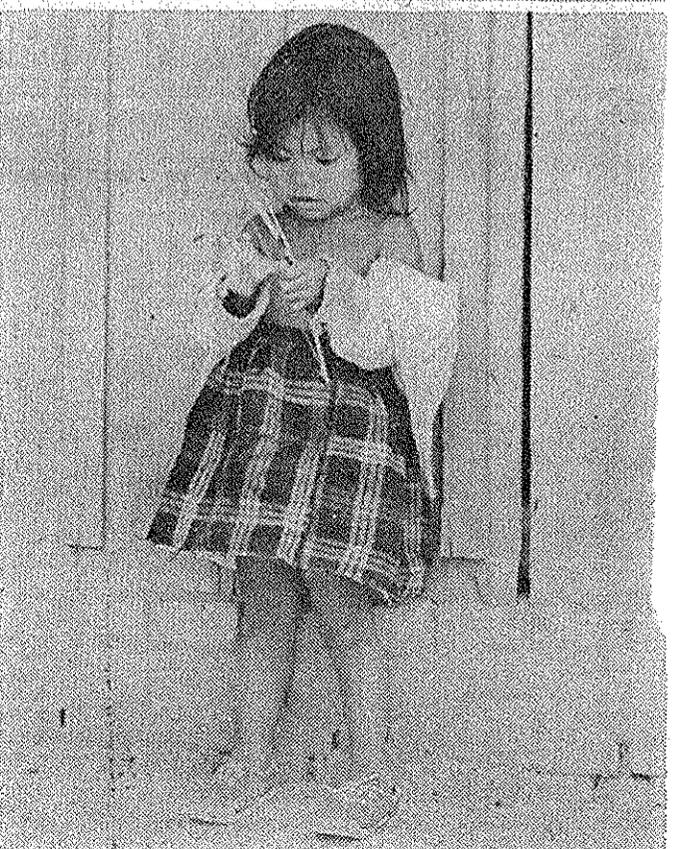
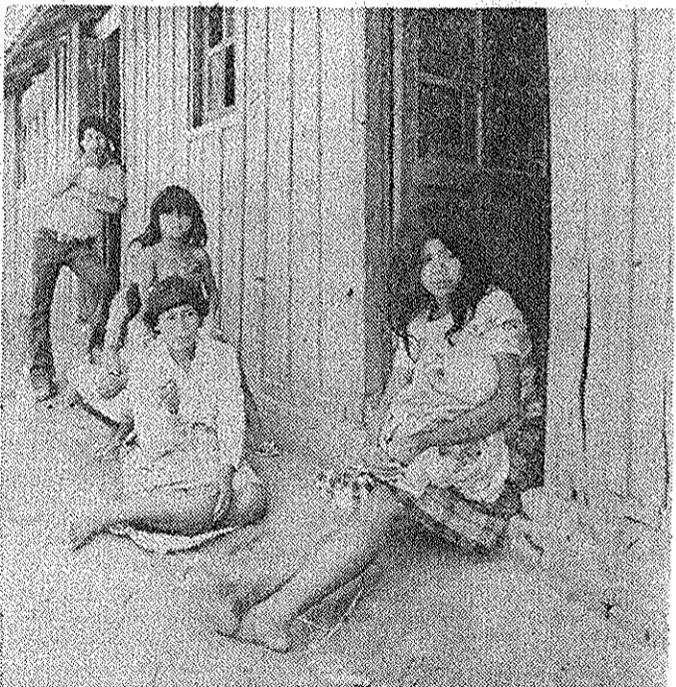
A amizade dos índios se solidificou, sobretudo, pela assistência material e espiritual que o padre José dava aos guaranis, relembra o cacique: "Ele estava sempre aqui, preocupado com nossa gente. Durante oito anos nos auxiliou com medicamentos, roupas, alimentos, e nunca pediu nada em troca. Naquele tempo, algumas crianças frequentaram até a escola. Depois que ele deixou o Instituto nós temos sido ignorados e escuraçados. Querem nos tirar este pequeno pedaço de terra, que é a única coisa que nos restou".

Avaju reconhece não ser o "proprietário de papel passado" do alojamento — como é costume dos brancos — mas recorda que os guaranis foram os primeiros habitantes do Brasil, "e por essa razão também fazem parte da 'grande Nação', tendo o direito de viver em qualquer parte, desde que não incomodem ninguém".

Vivendo modestamente, o cacique e sua família subsistem da venda de artesanato que confeccionam durante a semana e vendem aos sábados e domingos em praças e restaurantes da região. O que conseguem dá apenas para comprar alimentos — "e assim mesmo em pequenas quantidades". Nos últimos três anos, cinco recém-nascidos morreram de sarampo, sem qualquer assistência, "porque os pais não tiveram meios, na época, de procurar médicos, e as ervas não conseguiram curar as crianças".

Os filhos de Avaju dizem que gostariam de aprender alguma profissão e trabalhar em indústrias, mas acham que dificilmente realizarão esse "sonho" que poderia ser a salvação da família: "Não temos registro de nascimento, documentos nem instrução, e nesta condição não conseguiremos emprego algum".

Afirmando que não pretende voltar para o Paraná, porque o clima afetou a saúde de muitos índios que morreram com pneumonia, o cacique Avaju quer apenas continuar no acampamento. Além disso, espera a oportunidade de conversar com o padre Victor Ribeiro, para saber por que razão ele pretende expulsá-los de lá: "Nós não ofendemos ninguém, não permitimos que as crianças saiam dos barracões, não temos maus hábitos nem somos agressivos. Sempre respeitamos os vizinhos e não temos inimigos. Não é justo sermos expulsos como indesejáveis", concluiu.



Fotos Jovéci de Freitas

Os índios guaranis, na Estrada do M'Boi Mirim